

 <https://doi.org/10.56344/2675-4827.v7n3a2025.67>

Desafios no atendimento à obesidade na atenção primária à saúde: perspectivas tecnológicas e implicações na formação médica

Laura Maria Bolleli Hernandez¹; Júlia Tamburus Fagnolli²; Lívia Ribeiro Marques²; Maria Eduarda Mastrange²; Vitória Calafati Pradella²; Belkiss Rolim Rodrigues Fracon³

Segundo a Organização Mundial da Saúde (WHO, 2000), a obesidade é definida como o acúmulo excessivo de gordura corporal que compromete a saúde, sendo classificada por um Índice de Massa Corporal (IMC) ≥ 30 kg/m². Estima-se que, em 2022, mais de 1 bilhão de pessoas viviam com obesidade no mundo (WHO, 2022). No Brasil, a tendência é alarmante: dados do Ministério da Saúde indicam que, em 2024, 34% dos adultos apresentavam obesidade, e projeções apontam que até 2044 esse número poderá chegar a 48%. A obesidade, além de reduzir a qualidade de vida, está associada a doenças crônicas como hipertensão arterial, diabetes tipo 2 e dislipidemias (Silva et al., 2022).

A Atenção Primária à Saúde (APS), ao atuar como porta de entrada do Sistema Único de Saúde (SUS), é o nível de atenção responsável por acolher, acompanhar e prevenir doenças de forma contínua e integral. No entanto, a APS enfrenta desafios estruturais e assistenciais ao tratar a obesidade de forma precoce e efetiva (Mendes, 2012). A proposta do Modelo de Atenção às Condições Crônicas (MACC), associada ao Método Clínico Centrado na Pessoa (MCCP), reforça a importância de uma abordagem ampliada, integral e centrada no indivíduo (Harzheim et al., 2018). Nesse cenário, a tecnologia emerge como ferramenta essencial para qualificar o cuidado.

¹Acadêmicos do curso de Medicina do Centro Universitário Barão de Mauá. Contato: laurab22hernandez@gmail.com

²Acadêmicos do curso de Medicina do Centro Universitário Barão de Mauá

³Docente do Centro Universitário Barão de Mauá. Contato: belkiss.rolim@baraodemaua.br

Este trabalho propõe discutir os desafios do tratamento da obesidade na APS sob a ótica tecnológica e da formação médica.

Discutir os desafios enfrentados pelos profissionais da Atenção Primária à Saúde (APS) no tratamento precoce da obesidade como condição de base, antes do surgimento das comorbidades secundárias, e analisar o papel das tecnologias emergentes nesse processo, com ênfase na formação médica voltada para um cuidado integral e inovador.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica exploratória. As bases de dados “Biblioteca Virtual em Saúde (BVS)” e “Scientific Electronic Library Online (SciELO)” foram consultadas entre abril e maio de 2025, com os descritores: “Obesity”, “Primary Health Care”, “Primary Treatment” e “Noncommunicable Diseases”. A extração dos dados foi realizada com auxílio de tabelas do Word, a fim de organizar e selecionar os estudos.

Dos 20 artigos, 7 foram selecionados conforme os critérios: acesso aberto, idioma português ou inglês, e publicados nos últimos 5 anos. A análise dos dados foi realizada de forma qualitativa. Os dados extraídos envolveram informações sobre a abordagem da obesidade na APS, uso de tecnologias em saúde e estratégias de formação médica, voltada prioritariamente ao cenário brasileiro, considerando a realidade do Sistema Único de Saúde (SUS).

A obesidade é uma condição crônica que precede diversas comorbidades, exigindo abordagem integral e precoce (Silva et al., 2022). No entanto, o sistema de saúde brasileiro ainda apresenta resistência em tratá-la como prioridade na APS (Mendes, 2012; Prado et al., 2020). A escassez de recursos humanos, falta de estrutura física e ausência de acompanhamento longitudinal, compromete a efetividade das ações (Souza et al., 2021).

A tecnologia surge como aliada. Ferramentas de inteligência artificial permitem identificar padrões de risco e prever o surgimento de doenças associadas, contribuindo para intervenções antecipadas (Carvalho et al., 2023). Dispositivos como relógios inteligentes viabilizam o monitoramento remoto e contínuo de indicadores como atividade física, sono e frequência cardíaca, promovendo maior adesão ao autocuidado. Tais ferramentas devem ser incorporadas à prática clínica e à formação médica, preparando o profissional para a medicina do futuro.

Além disso, a abordagem humanizada continua sendo essencial. A atuação empática do nutricionista, aliada ao suporte psicossocial, contribui para a adesão ao tratamento (Martins & Santos, 2021). A medicina personalizada, baseada em dados genômicos, também contribui para estratégias terapêuticas mais eficazes (Lopes et al., 2020).

A formação médica precisa incorporar conteúdos relacionados à obesidade como doença de base, e à aplicabilidade das tecnologias em saúde (Santos et al., 2021). Cursos de capacitação, inserção da temática nos currículos e uso de plataformas digitais e programas de educação continuada, são estratégias para atualizar o profissional frente às demandas atuais do sistema de saúde brasileiro.

Os principais achados deste estudo revelam que o enfrentamento da obesidade na APS brasileira ainda é limitado por barreiras estruturais, formação profissional insuficiente e baixa probabilidade de incorporação de tecnologias. A obesidade, apesar de uma condição crônica, ainda não é tratada com a devida prioridade no contexto da atenção primária no Brasil. O enfrentamento da obesidade requer mudanças profundas na prática assistencial e na formação médica. A consideração da obesidade como doença de base, somada à adoção de tecnologias como IA, dispositivos vestíveis e prontuários eletrônicos, pode transformar a APS em um ambiente mais resolutivo, eficaz e humanizado. É imprescindível que o cuidado se volte à pessoa como um todo, e que as inovações tecnológicas sejam integradas de forma prática à rotina clínica e acadêmica.

Conflito de interesses: os autores não têm conflitos de interesse a divulgar.

Palavras-chave: obesidade; atenção primária à saúde; tratamento primário; doenças crônicas não transmissíveis; tecnologias em saúde.

REFERÊNCIAS

SANTOS, J. B. B. M. dos. Enfrentamento da obesidade na Atenção Básica à Saúde. *Revista Research, Society and Development*, v. 10, n. 15, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i15.22692.

HERMSDORFF, H. H. M. Cuidado nutricional da pessoa com obesidade grave no SUS. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2023.

MARIANI, K. A. et al. Organização do cuidado nutricional na APS. Revista APS, v. 27, 2024. DOI: 10.34019/1809-8363.2024. v. 27.41770.

MOLINA, M. D. C. B. et al. Multimorbidade em agentes comunitários de saúde. Estudo transversal, Vitória, ES, 2019.

ABBADE, E. B. Evolução do sobrepeso e obesidade nos países da OCDE e Brasil. Revista Research, Society and Development, 2022.

SANTOS, L. P. G. et al. Is the management of obesity in primary health care appropriate in Brazil? Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 37, supl. 1, e00051620, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00051620>.

RIGON, S. A.; SCHMIDT, A. S.; BÓGUS, C. M. Modelos de assistência ao indivíduo com obesidade na atenção básica em saúde no Estado do Rio de Janeiro, Brasil. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 36, n. 3, e00093419, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00093419>.

CARVALHO, R. B.; et al. Aplicações de inteligência artificial na medicina preventiva. Jornal Brasileiro de Informática em Saúde, [S. l.], 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v12i4.40856>.

HARZHEIM, E.; et al. O papel da atenção primária na coordenação do cuidado. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 23, n. 6, p. 1791-1798, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018236.05522018>.

MENDES, E. V. As redes de atenção à saúde. Brasília, DF: Organização Pan Americana da Saúde, 2012. Disponível em: https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/redes_de_atencao_saude.pdf.